

TV+

Manoel Carlos deixa um legado de novelas que traduziam a vida comum e o cotidiano de forma magistral

POR PATRICK SELVATTI

Manoel Carlos sempre escreveu por meio da escuta. Antes de ser o novelista das Helenas, antes de paralisar o país com dilemas morais que atravessavam salas de estar, ele foi um observador atento da vida comum, dos silêncios entre uma frase e outra, das escolhas feitas quase sem perceber. Ele circulava pelo Leblon — o bairro que o paulistano mais carioca escolheu como seu universo — como quem pesquisa o mais sublime: a vida. E essa vida que lhe escapou no último dia 10, aos 92 anos, encerra uma trajetória que ajudou a moldar não apenas a teledramaturgia brasileira, mas a maneira como o Brasil se reconhece na ficção.

Chamado com justiça de cronista da dramaturgia, Maneco — como era conhecido — não se interessava por grandes vilões caricatos ou reviravoltas espetaculares — ainda que tenha se aventurado nessas áreas com louvor. O cotidiano era o território dele, especialmente o da classe média urbana do Rio de Janeiro, com seus apartamentos ensolarados, seus cafés demorados, suas famílias atravessadas por afetos profundos e conflitos éticos complexos. Ele entendia que o drama mais potente não nasce do extraordinário, mas do que parece banal: entre um comentário sobre o preço do tomate e a violência que assola a humanidade, uma decisão tomada por amor, um silêncio prolongado, um sacrifício feito em nome de alguém.

Foi nesse espaço íntimo que surgiram as Helenas, talvez o mais emblemático de seus legados. O nome das suas protagonistas não homenageava sua mãe, sua filha, um amor do passado: era um tributo à mulher brasileira, na sua condição mais humana — apaixonada, errada, errante. Cada uma delas diferente da outra, mas todas carregando uma mesma inquietação: mulheres que amam demais, que erram, que se contradizem, que envelhecem, que sofrem e que resistem.

Da loira Vera Fischer à negra Taís Araújo, da veterana Regina Duarte à jovem Bruna Marquezine, da mãe Lilian Lemmertz à filha Julia Lemmertz. As Helenas de Manoel Carlos não eram arquétipos, mas pessoas. E ao acompanhá-las, o público brasileiro acompanhou também transformações profundas na forma como a mulher era representada na televisão — com mais densidade psicológica, autonomia emocional e complexidade moral, como declarou ao Jornal Nacional a atriz Lília Cabral, uma de suas preferidas e que, ironicamente, nunca foi Helena.

Marcos culturais

Com títulos doces como *Felicidade*, *História de amor* e *Viver a vida*, novelas com sua grife não apenas fizeram sucesso; elas se tornaram marcos culturais e atemporais. Em *Por amor*, Maneco tocou em um dos maiores tabus sociais



O cronista da teledramaturgia

reprodução



As protagonistas Helenas

ao colocar em cena o limite do amor materno, perguntando até onde alguém pode ir para proteger um filho. Em *Laços de família*, abordou a diferença de gerações, a doença e o amor em suas formas menos idealizadas. Em *Mulheres apaixonadas* e *Páginas da vida*, levantou bandeiras doloridas como o descaso com os idosos, a violência doméstica e a luta contra o alcoolismo. Foram histórias que provocaram debates nacionais, dividiram opiniões e, sobretudo, fizeram o Brasil parar para conversar consigo mesmo.

Havia em sua escrita um profundo humanismo. Manoel Carlos acreditava que ninguém é completamente bom ou mau, e que a vida é feita de zonas coloridas e cinzentas. Seus personagens erravam muito, mas raramente eram julgados pelo autor. Ele próprio declarava que “brincava de Deus” e oferecia ao público algo cada vez mais raro: tempo para compreender, para sentir empatia, para refletir.

Em uma televisão que, hoje, corre atrás de impacto imediato, com a inovadora novela vertical de capítulos de até três minutos e velocidade de série norte-americana, a obra de Manoel Carlos permanece como lembrança de que a emoção duradoura nasce da observação paciente. Aquela que surge quando estamos na padaria do bairro tomando um café enquanto, na mesa ao lado, o universo de uma pessoa comum nos atravessa sem pedir licença.

Ao longo de décadas, Maneco construiu uma obra que dialoga diretamente com a memória afetiva de milhões de brasileiros. As suas novelas acompanha-

ram nascimentos, lutos, amores, separações. Foram trilhas sonoras de épocas, de famílias reunidas diante da tevê, de conversas que continuavam no dia seguinte e viravam manchetes de jornais e capas de revistas. O legado do novelista é imensurável porque não se mede apenas em audiência ou prêmios, mas na forma como suas histórias entraram na vida real das pessoas.

Com sua morte, o Brasil se despede de um autor que acreditava na força da palavra simples, do gesto contido, do drama que nasce do amor. Manoel Carlos partiu, mas deixou um espelho delicado e honesto de quem somos — e de quem tentamos ser. Um legado que seguirá vivo enquanto houver quem se reconheça na ficção como parte da própria vida.

Obrigado por tudo, Maneco. A bossa nova ganha melodia melancólica, mas o país inteiro te aplaude de pé como quem exalta o Sol que se põe no horizonte do Leblon no fim de um domingo.